Material de Estudos
Grupo Toca da Bruxa

A Grande Mãe e Suas Faces Escuras

Parte I

Elaborado pela Anciã Anita



Papel Original da Deusa Escura



Na nossa sociedade atual a escuridão é associada ao perigo, morte, mal , destruição, isolamento, medos, pesadelos e perdas. Sendo educados e regidos pelos conceitos solares, passamos a temer, rejeitar e desvalorizar tudo que é ligado aos aspectos e atributos ocultos tanto da Lua, como da noite, da mulher, do inconsciente, da velhice e destruição, da transmutação e da morte, valores personificados e mistérios da Deusa Escura.

Ao longo história o papel original da Mãe Escura como “Renovadora” foi esquecido e negado, colocando-se em realce apenas o seu poder destruidor.



Apesar dos inúmeros arquétipos que a descreviam como “Mãe Negra” e “Anciã Ceifadora”, os historiadores e padres cristãos limitaram seus atributos aos de um ser maligno, perigoso, ameaçador, vingativo, venenoso e demoníaco. As culturas patriarcais a definiram como um símbolo de sexualidade devoradora feminina, causadora das transgressões morais e religiosas dos homens, levando-os à perda do seu poder e à morte. Foram enfatizadas as características destrutivas e as aparências horrendas de deusas arcaicas como Kali dançando sobre os cadáveres nos locais de cremação, ou segurando a cabeça decapitada e sangrenta de Shiva, seu consorte.



Ou Lilith, voando de noite como um demônio alado, que seduzia homens e matava crianças. Medusa , cujo o olhar petrificava os homens, ou a anciã Hécate à espreita nas encruzilhadas acompanhada pela sua matilha de cães demoníacos e aves de rapina.



As respostas para as perguntas que inevitavelmente surgem sobre as razões destas imagens atemorizantes e de como e quando a arcaica *Mãe Escura* passou a personificar nossos medos – da escuridão, do oculto, da transmutação, do poder feminino, da descoberta das nossas sombras e verdades, da decadência física e da morte, - são encontradas na transição dos valores matrifocais para patriarcais, na sociedade, cultura e religião.

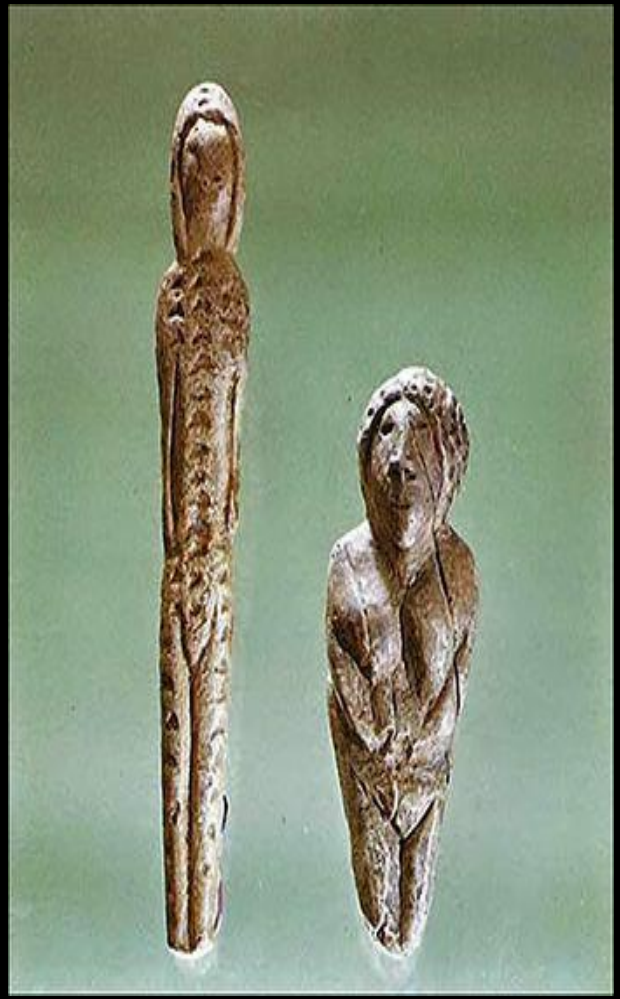


Pesquisas recentes na arqueologia, história, arte antiga e mitologia, revelam evidências sobre a transição ocorrida em torno de 2000 a.C. nas estruturas religiosas e sociais que governavam a humanidade. Sociedades matrifocais que cultuavam deusas da Terra e da Lua – com Tiamat, Inanna, Ishtar, Asherah, Ísis, Deméter, Perséfone, Hécate, Ártemis entre outras -, foram substituídas aos poucos pelos dos heróis e deuses solares como Gilgamesh, Marduk, Baal, Amon Rá, Zeus, Jeová e Apolo. Com esta transição para o culto solar e os valores masculinos e guerreiros, os símbolos lunares, telúricos e do sagrado feminino começaram a desaparecer da sociedade e da memória das pessoas, as antigas, práticas e mitos e tradições sendo reprimidas, distorcidas, perseguidas e esquecidas.

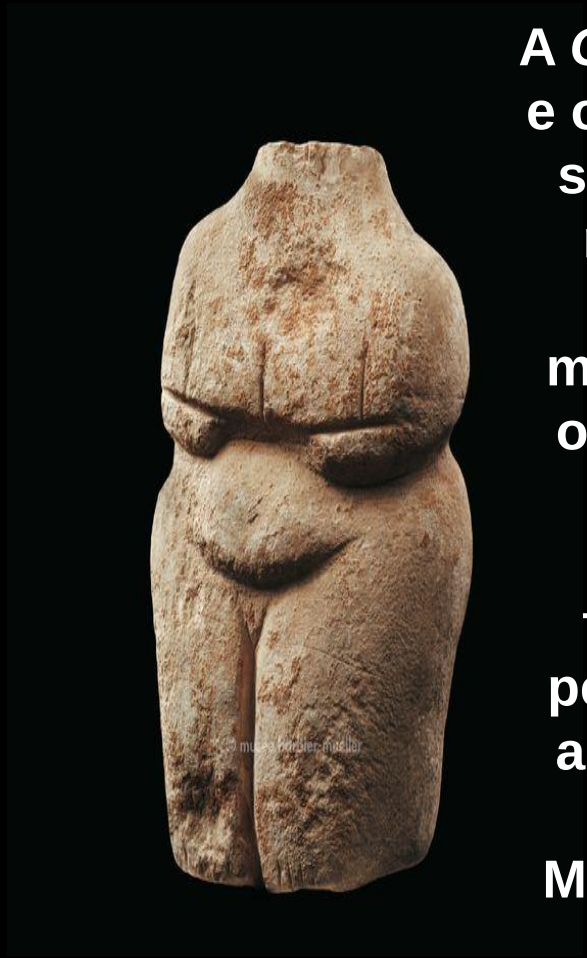
O Culto da Deusa Escura



Milênios antes dos cultos solares e dos mitos patriarcais, a Lua era venerada como a principal divindade feminina. Seus mitos e símbolos existiram em diversos países onde a *Deusa Escura* foi cultuada com inúmeros nomes, como Kali, Durga, as Dakinis, Ereshkigal, Hécate, Perséfone, as Moiras e as Fúrias, Nêmesis, Nix, Górgonas, Néftis, Sekhmet, Cailleach, Cerridwen, Morrigan, Macha, Hel, Holda, Oyá, Coatlicue, Baba Yaga ou a Madona Negra.



Desde o início do período paleolítico, 40.000 anos atrás, existem evidências sobre o culto de uma divindade feminina. Os povos da Era Glacial a honravam esculpindo figuras femininas em rochas, ossos, marfim ou argila, enfatizando os atributos de fertilidade e nutrição da Deusa Mãe nos traços exagerados dos seios, nádegas e vulva, com pouca ou nenhuma definição dos rostos. Nos últimos séculos, as escavações arqueológicas trouxeram à luz do dia e da nossa consciência, milhares destas inscrições rupestres, gravuras e amuletos (em torno de trinta mil), encontrados desde a Sibéria Central e em toda Eurásia.



A *Grande Mãe* era considerada o princípio criador e organizador do Universo, que personificava nas suas representações as forças da vida, morte e renascimento. Seu domínio abrangia além do mundo humano os reinos (animal, vegetal e mineral), o céu a terra, o mundo subterrâneo, os oceanos, lagos, rios, bem como as estações da natureza, os ciclos cósmicos, sazonais e humanos. Estas crenças se tornaram fundamentos dos cultos da Grande Deusa do período neolítico (em torno de 9000 a.C. quando assentamentos humanos e culturas agrárias se estabeleceram no Oriente Médio e no Mediterrâneo, como confirmaram ao achados de Çatal Huyuk, Hacilar e Jericó.



A Deusa neolítica abrangia a renovação constante e periódica da vida, que não era separada da morte. Havia um profundo respeito pelos ciclos naturais lunares e femininos, a sexualidade era vista como sagrada, fonte de procriação e prazer. A Mãe Divina era multifacetada e recebeu nomes, atributos e formas diferentes de acordo com as características e necessidades específicas dos povos que a cultuavam. Diferentemente do princípio masculino, a Deusa era imanente em toda a natureza e venerada nas fontes, grutas, florestas,, topos das colinas, rios, mares, círculos de pedras e em todos os lares.



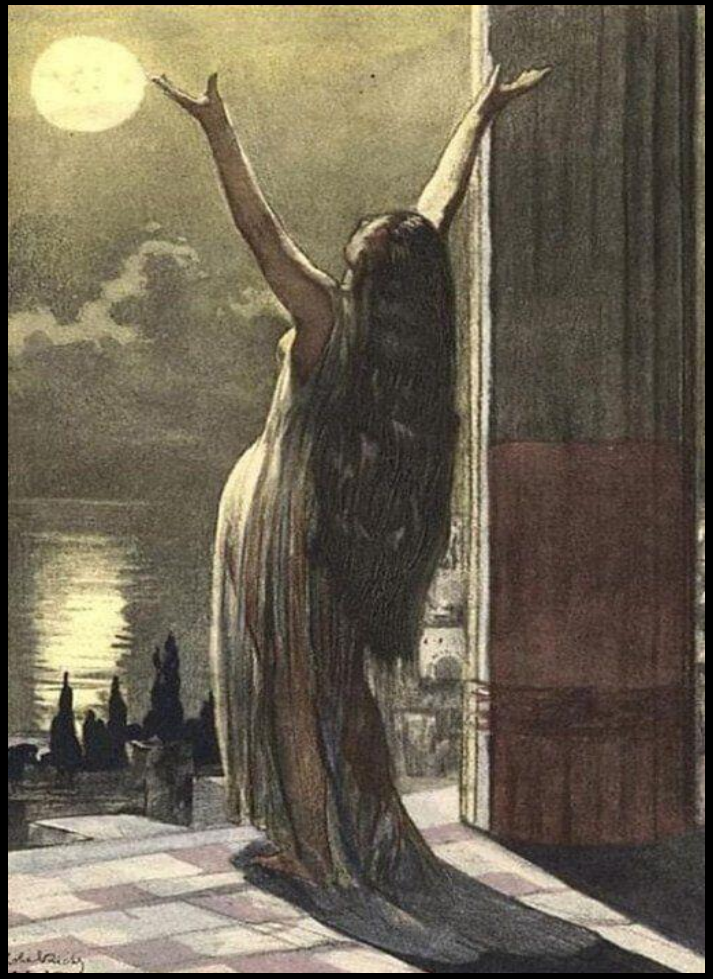
Nas sociedades matrifocais as mulheres detinham papéis relevantes como sacerdotisas, guerreiras, curadoras, parteiras, adivinhas e detentoras dos mistérios dos rituais para proteção, abundância, segurança dos seres vivos, plantios, bem como os cuidados ritualísticos com os moribundos, mortos e antepassados.



Em torno de 3000 a. C. as culturas da Deusa, que tinham florescido ao redor do mundo durante pelo menos 30.000 anos – começaram o seu declínio devido ao fortalecimento e expansão das tribos patriarcais e nômades, que cultuavam deuses solares e guerreiros. Entre 4000-2500 a.C. ondas sucessivas de migrações das tribos protoindo-europeias do Norte da Europa e da Ásia Central se deslocaram para Índia, Oriente Próximo e Oeste europeu. Os povos nômades eram conquistadores, usavam cavalos e armas de bronze e reverenciavam deuses dos raios, trovões e combates, sendo antagonistas dos cultos da Deusa das culturas agrárias e pacíficas.



Conhecidos como arianos, hititas, luvianos (antigos anatólios), kurgos, dorianos, semitas e hebreus, eram governados por reis e sacerdotes, adoradores dos deuses guerreiros. As pesquisas arqueológicas indicam o começo de invasões coincidindo com as catástrofes naturais e as guerras que destruíram as culturas indígenas do Oriente Próximo e Europa. Predominou a violência, escravidão, pilhagem, estupros, mortes e queimas dos templos e lares dos povos conquistados. As mulheres perderam o papel da sua autoridade anterior, espiritual ou social, e progressivamente foram proibidas de exercer qualquer ritual ou culto da Deusa.



As tribos patriarcais ergueram suas civilizações sobre as ruínas e a conquista dos povos que reverenciavam a Terra como Mãe e a Lua como Deusa; eles impuseram seu modelo de organização embasado na dominação e destruição por tecnologias cada vez mais eficientes. Os valores da sacralidade feminina, os direitos e dons das mulheres começaram a desaparecer nas brumas do esquecimento, devido a permanente negação, repressão e perseguição.





O sexo da principal divindade foi mudado de Mãe para Pai e as figuras de Deus, rei, sacerdote e pai substituí os valores e a importância da Deusa, rainha, sacerdotisa e mãe; mitos e rituais foram reescritos com base nos novos conceitos. A Deusa foi transformada em consorte, amante e filha dos deuses, e o casamento da Deusa com os deuses e dos líderes patriarcais com as sacerdotisas, serviu para destruir a linhagem da sucessão matrilinear com a sua substituição pela supremacia patriarcal, divina e humana.



A vitória final da transição é ilustrada nos mitos indo-europeus em que heróis solares matam dragões e serpentes, representações arcaicas da Deusa e das forças telúricas. O herói Marduk matou matou a sua mãe Tiamat, os filhos-serpentes de Gaia – Tifon e Píton – foram mortos por Zeus e Apolo, Perseu decapitou Medusa e Jeová destruiu a serpente Leviatã. Este movimento erradicação das antigas civilizações e valores matrifocais culminou nos esforços do judaísmo, islamismo e cristianismo em anular e banir a Deusa, destruindo templos, altares, bosques sagrados e estátuas das antigas divindades, procurando assim apagar seus nomes, atributos e costumes da memória dos povos,

O Surgimento da Dicotomia e das Polaridade



A consequência da guerra contra a Deusa foi s polarização na psicologia humana entre os deuses masculinos portadores da luz e vindo do Céu e as divindades femininas ocultas na escuridão da noite e nas estranhas da Terra. A luz se tornou equivalente do bem, a escuridão sinônimo do mal, a perseguição da Deusa sendo vista com o combate entre as forças da luz e da escuridão, culminando com a vitória do Deus sobre a Deusa.



As imagens da Deusa não mais representavam a Mãe compassiva, fonte da criação e sustentação da vida, mas uma simbologia associada ao mal, à escuridão. As mulheres – suas manifestações telúricas eram impuras e culpadas do pecado original, precisando ter punidas. Consideradas propriedades dos pais e maridos, foram reprimidas em casamentos impostos monogâmicos para assegurar a legitimidade da linhagem. Filhos fora do casamento eram desprovidos de direitos sociais e marginalizados, enquanto as mães solteiras e as adúlteras eram julgadas, aprisionadas e mortas como sendo prostitutas.



Mesmo na Grécia clássica, louvada como o berço da democracia, as mulheres não tinham direitos legais, nem podiam passar seu nome aos filhos. O amor ideal era entre dois homens, um mais velho, sendo considerado o mestre do mais jovem. A representação feminina era desprovida de qualidades espirituais e intelectuais, sua única função sendo de gerar e cuidar de filhos legítimos.



A igreja cristã romana suprimiu metodicamente todo o tipo de informação fora dos preceitos bíblicos. As antigas academias gregas foram fechadas e as obras clássicas dos poetas e filósofos, queimadas. A chama sagrada dos templos de Vesta foi apagada, o templo de Elêusis fechado e depois destruído, e no século V, a grande biblioteca de Alexandria queimada, destruindo assim o último repositório da antiga sabedoria e dos conhecimentos ancestrais. Também no século V o Concílio Papal de Constantinopla proibiu a crença na reencarnação e baniu todas as convicções e costumes ligados à passagem das estações e às praticas folclóricas.



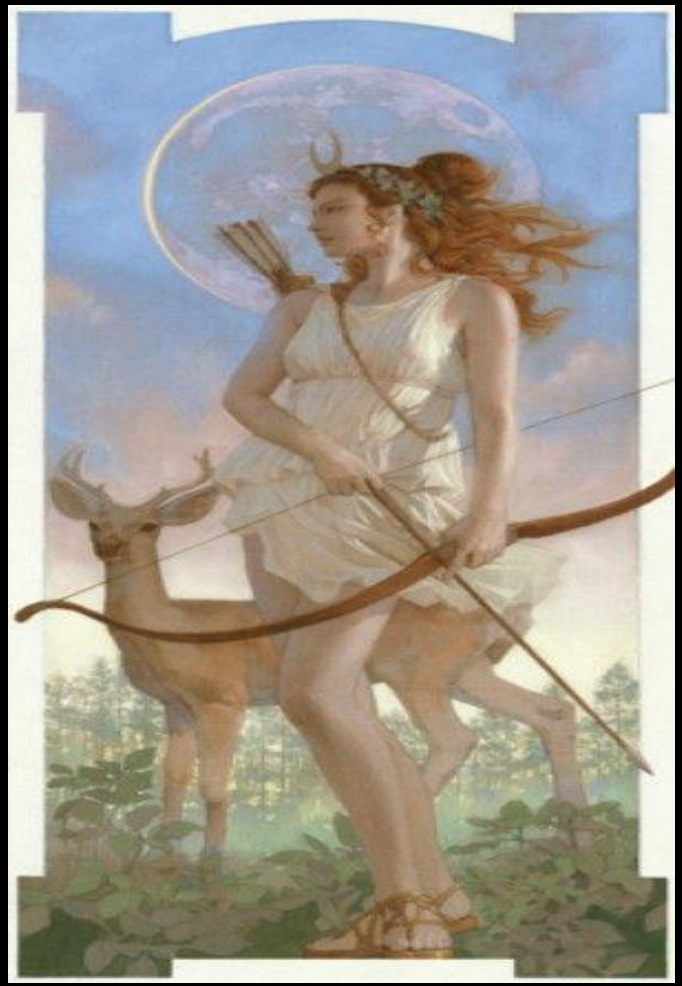
A Inquisição e a mortífera caça às bruxas da Idade Média eliminaram sistematicamente todas as pessoas que continuavam a lembrar, praticar, ensinar e preservar os conhecimentos da Antiga Tradição. Parteiras, curandeiras, benzedeiras, adivinhas e devotas dos cultos da Deusa foram estigmatizadas como bruxas e malfeitoras, perseguidas, torturadas e assassinadas, tendo seus bens confiscados pela igreja cristã.



A sociedade matrifocal e os valores e cultos centrados na reverência à Deusa foram banidos da mente humana, a humanidade mergulhando na escuridão da pré-história entrando no reino das lendas e fantasias. Resquícios dos ensinamentos matrifocais e da teologia sobreviveram por algum tempo nas práticas dos Mistérios Elêusis ou de Ísis, nas oferendas e cerimônias escondidas de deusas com Deméter, Perséfone, Hécate, Ártemis, Ísis , Kali ou Cibele, reaparecendo nas lendas medievais, nas crenças populares nos contos de fadas.



As novas religiões patriarcais evoluíram para o monoteísmo e os antigos panteões compostos de inúmeras divindades, espíritos elementais e ancestrais, foram reduzidos a um único Pai divino, supremo no Céu e na Terra, todos os outros deuses sendo denunciados como ídolos pagãos. A destruição final da antiga representação da Deusa Tríplice culminou com a sua transformação na tríade cristã do Pai, Filho e Espírito Santos (este último assumindo o lugar Mãe, a pomba que o representava sendo um antigo símbolo da deusa Afrodite). Os atributos da virgem e da mãe permaneceram como imagem para o ideal feminino, o filho tendo sido concebido sem contato sexual.



A doutrina religiosa cristã rejeitou e renegou totalmente o terceiro aspecto da Deusa, a “Senhora da Lua Negra” e da “Anciã Ceifadora”. A humanidade foi desprovida da importância do sexo e da inevitabilidade da morte como componente da renovação, que reside na fase escura do processo cíclico. A crença no renascimento foi considerada heresia, os ritos funerários antigos e o casamento sagrado visando à regeneração, abolidos como práticas pagãs perniciosas para alma cristã.

Bibliografia:

FAUR, Mirella. *As Faces Escuras da Grande Mãe.* Editora Alfabeto, São Paulo, 2016.